

O Neopentecostalismo e a década perdida: como a crise dos anos 1980 estimulou o crescimento da IURD

Neopentecostalism and the lost decade: how the crisis of the 1980s stimulated the growth of the IURD

Volgano Rocha Júnior¹

Resumo: A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é o maior fenômeno religioso brasileiro do Século XX. Nascida num pequeno cômodo que abrigava uma antiga funerária, transformou-se em poucos anos em uma potência transnacional, presente em mais de 100 países e com mais de 1,8 milhão de fiéis no Brasil². Um milagre? A expansão da igreja deve-se à presença de uma liderança carismática, eficiente estrutura administrativa, agressiva e bem sucedida estratégia de captação de recursos financeiros e excelente utilização dos meios de comunicação. Mas ainda há um ponto pouco explorado pelas pesquisas acadêmicas, que vem a ser o terreno fértil proporcionado pela crise econômica ocorrida na década de 1980, a maior da história do Brasil independente³. Este texto reflete sobre a importância da “Década Perdida” na formação de uma tessitura social receptiva à mensagem restauradora da vida terrena proporcionada pela Teologia da Prosperidade.

Artigo recebido em: 30 set. 2017

Aprovado em: 20 mai. 2017

¹ Mestrando em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória.

² Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, referentes ao censo demográfico realizado em 2010. O levantamento apontou também que a IURD teria em torno de 6 mil templos e 12 mil pastores, apenas no Brasil.

³ LEITÃO, Miriam. *Saga Brasileira: a longa luta de um povo por sua moeda*. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 16.

Palavras- chave: Década perdida; Teologia da Prosperidade; Igreja Universal do Reino de Deus; Neopentecostalismo.

Abstrat: The universal church of the kingdom of god was the biggest religious phenomenon of the XX Century in Brazil. Born in a small room that used to host a funerary, in only a few years it was transformed in a transnational operation, reaching more than 1,8 million people from over 100 countries. Was it a miracle? The Church's expansion was caused by a combinations of the following factors: Presence of a Charismatic leadership, an efficient structure of administration, an aggressive and well succeeded strategy of raising financial resources and the excellent use of the media. But there is still a topic that has been under explored by researchers, which turns to be the auspicious scenario existing in Brazil at the time because of the economical crisis of 1980, the biggest Brazilian crisis after the proclamation of it's Independence. This text reflects about the importance of the "Lost Decade" on the formation of a society that was receptive to the message put forward by the Theology of Prosperity.

Key words: Lost decade; Theology of Prosperity, The universal church of the kingdom of god; New Pentecostalism.

Introdução

As igrejas neopentecostais constituem a maior manifestação religiosa ocorrida no Brasil na segunda metade do Século XX⁴. Em paralelo ao aspecto religioso há de se destacar ainda as questões sociais, econômicas e sociológicas, quando o fenômeno é observado à luz dos impactos na vida econômica nacional e na população foco de suas intervenções⁵.

Aprofundar as investigações sobre a igreja de Edir Macedo é particularmente mais relevante neste momento em que o seu braço político, o Partido Republicano Brasileiro, elegeu o bispo Marcelo Crivella prefeito do Rio de Janeiro nas eleições realizadas em 2016. Há alguns anos as igrejas neopentecostais e pentecostais ganham espaço no Poder Legislativo sob a bandeira genérica da "Bancada Evangélica", e a conquista do Executivo Municipal do Rio de Janeiro é o movimento político mais ousado até o momento.

Apesar da condição de licenciado, Crivella é uma das figuras mais proeminentes da igreja e foi escolhido pelo fundador da organização, Edir Macedo, seu tio, para ser o seu principal representante no mundo político. A pesquisadora Christina Vital, da Universidade Federal Fluminense, estuda a atuação política dos neopentecostais e declarou em entrevista concedida ao Jornal Folha

⁴Sobre a expansão do neopentecostalismo ver MARIANO, 2002

⁵Sobre o fenômeno neopentecostal ver CAMPOS, 2010.

de São Paulo que “conseguir chegar à Presidência da República é importante para eles (Bancada Evangélica no congresso) como estratégia para barrar no Supremo Tribunal Federal temas de minorias -como a pauta gay- que travam embate com esses religiosos”⁶.

O vertiginoso crescimento da Igreja Universal do Reino de Deus foi explorado em uma das primeiras teses de doutorado sobre o movimento neopentecostal no Brasil, escrita por Leonildo Silveira Campos, que explica o crescimento da igreja e a sua facilidade de atrair:

As pessoas percebem os seus lugares de culto como espaços de teatralização, ritualização e troca de dinheiro por bens simbólicos. A ação religiosa é tida pelos fiéis como eficiente e eficaz para resolver os problemas práticos da vida cotidiana que afetam uma boa parte da população brasileira, tais como doença, desemprego, conflitos pessoais e grupais e assim por diante. Sociologicamente a Universal do Reino de Deus oferece uma filosofia de prosperidade com forte lastro religioso⁷.

A Igreja Universal do Reino de Deus constitui o grande fenômeno do pentecostalismo nacional⁸. Seu crescimento mais expressivo é registrado a partir dos anos 1980, quando começou a adquirir as primeiras rádios. O número de templos no Brasil supera a casa dos seis mil e o de fiéis é de 1,8 milhão. A Universal está presente em mais de 100 países e nenhuma outra denominação religiosa surgida no Brasil alcançou maior expressão internacional. Sua forte inserção na mídia e depois na política partidária, sua competência administrativa e a capacidade de mobilizar fiéis e arrecadar recursos financeiros não encontram paralelo na história de nenhuma outra grande denominação religiosa no Brasil⁹.

Sua expansão se deve, em grande medida, à eficiência no uso dos meios de comunicação de massa, sobretudo o rádio. Nos

⁶Estratégia evangélica é ocupar o Executivo para chegar ao Judiciário, diz pesquisadora. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 31 out. 2016, Caderno País, p. 4.

⁷CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: uma análise da organização, rituais, marketing e eficácia comunicativa de um empreendimento neopentecostal- Igreja Universal do Reino de Deus*. Tese de Doutorado, São Bernardo do Campo, Imes, 1996

⁸Sobre a formação da Igreja Universal ver FRESTON, 1993; MARIANO, 1999; CAMPOS, 1996 e KRAMER, 1999.

⁹Sobre sua implantação, presença e atuação nos demais países ver ORO, CORTE e DOZON, 2003.

primeiros anos procurava alugar horário nas emissoras logo após o término de programas de pais e mães de santo, para aproveitar a audiência dos cultos de candomblé¹⁰.

A expansão acelerada dos grupos neopentecostais em nada alterou as conquistas secularizantes da modernidade, processo que está jurídica, política e socialmente por demais enraizado nas entranhas das instituições governamentais, culturais, sociais e econômicas. A despeito do crescimento do neopentecostalismo no Brasil a partir da segunda metade do Século XX, os elementos institucionais e hegemônicos constitutivos do Brasil são, como assevera Reginaldo Prandi:

Tipicamente capitalistas, racionais, burocratizados, dessacralizados. Pois essa sociedade continua moderna e como moderna é profana: sua civilização é desencantada, não depende do sobrenatural. Suas instituições, seus governos, mercados, escolas, meios de comunicações, tudo é não religioso¹¹.

A metamorfose de pequenas seitas em empresas de bens de salvação foi um fenômeno que se tornou mais presente nos estudos desenvolvidos no Brasil a partir da década de 1990, guiados pelo sucesso empresarial da Universal do Reino de Deus. O ponto nevrálgico nessa tomada de posição foi a compra da Rede Record de Televisão pela Igreja Universal em 1990, fato que despertou enorme reação nos meios empresariais e jornalísticos. Fora do Rio de Janeiro a Universal era bem pouco conhecida, o que tornava ainda mais inexplicável o investimento realizado na aquisição, da ordem de 45 milhões de dólares. Passou a ser impossível dissociar a Universal e o movimento neopentecostal das atividades empresariais e estratégias de marketing e midiáticas. Assim estabeleceu-se na pesquisa acadêmica produzida à época a associação entre o êxito das igrejas no campo religioso, midiático e político e sua gestão empresarial. Ari Pedro Oro (1992) viu particularidades na gestão das igrejas:

A liderança pentecostal segue na gestão da organização eclesiástica um modelo empresarial

¹⁰Sobre a importância do rádio e televisão na expansão da Igreja Universal ver CAMPOS, 1996, ORO, 1996, p. 66-70, FONSECA, 1997 e MARIANO, 1999, p. 66-69.

¹¹PRANDI, Reginaldo. *Cidade em transe: religiões populares no Brasil no fim do século da razão*. Revista USP, v. 11, 1991, p. 65-70

que se baseia na divisão social do trabalho religioso e administrativo, no uso da mídia, na prestação de serviços religiosos mediante pagamento e na adoção de mecanismos diversos para arrecadar recursos¹².

Antonio Golvea Mendonça frisa que “a vertente neopentecostal apresenta características empresariais de prestação de serviços ou de oferta de bens de religião mediante recompensa pecuniária e possui modernos sistemas de administração e de marketing”¹³. Yara Monteiro, contrapondo Igreja Universal à Congregação Cristã no Brasil, que não cobra dízimos nem remunera seus anciãos, assevera que “o neopentecostalismo caracteriza-se, em especial, pela comercialização de bens simbólicos¹⁴”. Alexandre Brasil Fonseca observa que a constituição de igrejas-empresas, holdings da fé, “é uma necessidade determinada pela presença na mídia”¹⁵. Para Pierucci e Prandi “a Igreja Universal inova muito em matéria de comportamento religioso, especialmente quando concebe abertamente a igreja como empresa econômica e a religião como fonte de lucro e enriquecimento pessoal”¹⁶.

1. A década perdida

Embora não se possa questionar o mérito das estratégias de marketing adotadas pela igreja em seus primeiros anos como forma de explicar a sua rápida expansão, também não se pode ignorar que o ambiente sócio econômico da época era propício ao discurso iurdista. A década de 1980 é conhecida entre os economistas como a “década perdida”, com a nefasta combinação de inflação elevada, recessão e desemprego.

¹²ORO Ari Pedro. “*Podem passar a sacolinha*”: um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro. Cadernos de antropologia, v. 9, 1992, p. 7-44. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS.

¹³MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Sindicato de mágicos*: pentecostalismo e cura divina (desafio histórico para as igrejas). *Estudo de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 8, out. 1992, p. 49-59

¹⁴MONTEIRO, Yara Nogueira. *Pentecostalismo no Brasil*: os desafios da pesquisa. *Revista de cultura teológica*, São Paulo: Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, v.13, out-dez. 1995, p.7-20.

¹⁵FONSECA, Alexandre Brasil. *Evangélicos e mídia no brasil*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em Sociologia, IFECS-UFRJ, 1997.

¹⁶PIERUCCI, Antônio Flavio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*: religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 257-273.

Na comemoração dos 100 anos da República, em 1989, o economista da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, Marcelo de Paiva Abreu, escreveu: “O centenário da República está sendo comemorado em meio ao que é provavelmente a maior crise da história econômica do Brasil independente”¹⁷.

Leitão registrou suas impressões sobre o período:

Na década de 1980 o Brasil viu, então, a força destruidora do inimigo. Resistente a tudo, a inflação cresceu sem parar, com voracidade. A terapia tradicional adotada em 1981 criou recessão e desemprego, mas ela não caiu. Em 1983 estava em 230%. Esses pulos de patamar foram provocados por duas maxidesvalorizações do cruzeiro de 1979 e de 1983 e a falta de eficácia dos remédios usados. Seu poder e persistência transformaram a década num grande campo de batalha¹⁸.

O reflexo da desordem econômica na vida das pessoas também foi abordado por Leitão:

A virada dos anos 1980 para os 1990 foi assustadora. Depois de três planos fracassados, a inflação ganhou força inimaginável. Ela se fortaleceu a cada falha, como as infecções avançam sobre os corpos mal defendidos. O sofrimento que provocou nas famílias, o empobrecimento dos mais pobres, a desordem na contabilidade das empresas, a incapacidade absoluta de fazer qualquer previsão e planejamento, tudo ficou insuportável. A inflação inflacionou a vida brasileira. Ocupou todos os espaços. Era o único assunto das editoriais de economia, era a manchete mais frequente dos jornais, era a obsessão do cidadão, a derrota dos governantes¹⁹.

Quando o Plano Real foi adotado em 1994, a incapacidade dos governantes em domar a inflação ficou muito bem representada pelo trabalho do professor Salomão Quadros, da Fundação Getúlio Vargas, que mediu pela variação do IGP-DI (Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna) a inflação entre julho de 1964 e julho de

¹⁷ LEITÃO, 2011, p. 16.

¹⁸ LEITÃO, 2011, p. 18

¹⁹ LEITÃO, 2011, p. 20.

1994, chegando a um número estratosférico: 1.302.442.989.947.180,00%²⁰.

Se a década de 1980 é a “perdida”, a anterior é conhecida como o período do “milagre econômico”, época em que o Brasil experimentou elevados índices anuais de crescimento. Entre o final dos anos 1970 e 1980 a economia mundial vivia uma tormenta – o segundo choque do petróleo elevou a inflação americana e a resposta foi uma forte subida dos juros nos Estados Unidos, que levaria ao colapso as economias latino-americanas nos primeiros anos da década de 1980.

Nos anos 1970 a economia mundial perdeu vitalidade, mas mesmo assim o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro apresentou expansão média de 8,6% ao ano²¹. O incremento do PIB ocorreu graças à ampliação do endividamento do país junto ao sistema financeiro internacional. A captação de recursos externos viabilizou a continuidade dos investimentos realizados diretamente pelo Estado e por empresas estatais em grandes obras de infraestrutura (Usina de Itaipu, usinas nucleares de Angra dos Reis, modernização dos sistemas de telefonia, pavimentação de estradas, abertura da Transamazônica, construção do metrô em São Paulo), as quais garantiram a manutenção do nível de atividade econômica, pois o fluxo de capitais produtivos privados em direção ao país foi drasticamente reduzido.

O governo militar colocou em marcha o tratamento recomendado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), que prescrevia uma receita ortodoxa: corte do déficit público e redução da quantidade de moeda em circulação. A teoria previa que o Brasil passaria por uma recessão mas depois a economia voltaria a crescer. Embora o remédio tenha dado certo em muitos países, por aqui os efeitos foram catastróficos – a produção industrial tinha crescido em média 7% ao ano de 1968 a 1980, e com o choque encolheu 12% em 1981. O desemprego cresceu e o investimento público e privado despencou. Mesmo assim os efeitos sobre a inflação foram quase simbólicos: de 110% para 100% ao ano. Em 1983, após uma nova desvalorização do cruzeiro, a inflação medida superou 200% ao ano.

²⁰ LEITÃO, 2011. p.23.

²¹ Para conhecer o detalhamento dos indicadores referentes à economia brasileira na década de 1980 consultar HESPANHOL, Antonio Nivaldo, *Expansão Econômica e Reestruturação Produtiva no Brasil*. Fortaleza: Mercator - Revista de Geografia da UFC [en línea] 2013, disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273628672005>, acesso em 23 out. 2017.

A espiral inflacionária tinha um fim previsível, diziam os economistas da PUC – a hiperinflação. Leitão volta a abordar o peso desses indicadores sobre a rotina dos brasileiros:

Lúcia era professora primária em Minas Gerais no começo dos anos 1980. Em suas aulas costumava explicar para os alunos a necessidade de uma alimentação saudável, balanceada. Quando a inflação subiu muito no começo dos anos 1980 e os produtos ficavam cada vez mais inacessíveis, ela se deu conta de que aquela conversa era estranha: “Como falar aos alunos sobre alimentos nutritivos se as famílias não conseguiam comprar mais nem o arroz e o feijão”²²?

Com a população empobrecida e com as empresas estranguladas pelo ambiente econômico desfavorável – hiperinflação e recessão – estava posto o cenário propício para o crescimento de uma igreja que tinha em seu discurso a promessa de solução para as questões materiais cotidianas. Não eram as benesses da vida após a morte que os pastores da Universal clamavam em seus sermões – eles prometiam a conquista de um emprego, a promoção profissional, a cura das enfermidades, o fim das dívidas, ou seja, um cardápio que não tardou a seduzir milhares de brasileiros desesperançados, como registrou Bledsoe:

A IURD é uma denominação que propõe um fim ao sofrimento pessoal e promete ajuda divina para a obtenção de uma vida melhor. Por isso, não é de espantar que a maior parte dos membros e da liderança venha de níveis socioeconômicos mais baixos. Freston encara a IURD como “um fenômeno quase exclusivo relacionado da pobreza cristã” cuja expansão é favorecida quando os pobres são sensíveis às religiões de base cristã. Kramer observa que a maior parte dos membros da IURD no Brasil provém de lares nominalmente católicos e que teve participação em diferentes formas de espiritismo antes de sua conversão, compartilhando da mesma história religiosa de Macedo²³.

²² LEITÃO, 2011

²³ BLEDSOE, David Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro: Um estudo de caso*. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 74.

Outro pesquisador do neopentecostalismo a registrar a importância do tecido socioeconômico para o crescimento da IURD foi Campos:

A essa população a Igreja Universal ofereceu um espaço para contato, ritos de estimulação e encorajamento, formas de canalização do descontentamento e de minimização da baixa-estima. Em seus templos as pessoas encontraram uma ideologia propulsora de ação social e, ao mesmo tempo, discursos apropriados para a mistificação das causas que geraram doença, pobreza, miséria e o vertiginoso descenso sócio-econômico até o “fundo do poço”. Trabalhando com valores típicos da cultura popular brasileira, e de seus mitos, a IURD retomou antigos argumentos que atribuem ao diabo a causalidade única por todos os males²⁴.

2. O paraíso é aqui

Enquanto os pentecostais brasileiros foram majoritariamente pobres e privados dos bens materiais, o sectarismo e ascetismo, que sempre foram marcas muito características das igrejas pentecostais, não geraram grandes tensões internas. Com o processo de modernização do Brasil na segunda metade do século XX (notadamente a partir da década de 1970), e a conseqüente ascensão social e econômica dos fiéis, as tensões poderiam se intensificar já que o ascetismo requeria sacrifícios e provocava descontentamentos. De se destacar também que o longo processo de urbanização da população brasileira trouxe como uma de suas conseqüências fortes alterações nos padrões de comportamento, tornando aceitáveis práticas que eram vistas em determinadas comunidades como reprováveis.

Diante das mudanças na sociedade e novas demandas do mercado religioso, algumas lideranças pentecostais começaram a ajustar as exigências às disposições e possibilidades de cumprimento por parte dos virtuais adeptos e fiéis. O sectarismo e ascetismo cederam lugar à acomodação ao mundo. Cesar Moraes Barreto, da

²⁴CAMPOS, Leonildo Silveira. *Cultura, liderança e recrutamento numa organização religiosa – o caso da Igreja Universal do Reino de Deus*. Preleção realizada na reunião anual do Conselho Latino Americano de Escolas de Administração. Santiago, Chile, 2006. Disponível em <http://www.angelfire.com/ms/luciel/images/IURD.doc>. Consultado em 14 out. 2017.

Igreja Bíblica da Paz, escreveu na Revista Proclamai, em setembro de 1994:

Somos filhos de Deus e fomos criados para o êxito e para a vitória. Temos que tomar a firme decisão de viver cada dia em vitória, não permitindo que circunstâncias, problemas e demônios controlem nosso destino. Porque estamos em Cristo Jesus fomos destinados para a vitória aqui nesta vida, não nos céus, ou no milênio, ou no arrebatamento(...) Deus te vê próspero, com saúde, vitorioso. Esta é a imagem que Deus quer que você tenha²⁵.

No Brasil essa transformação se aprofunda com o nascimento do neopentecostalismo, liderado por pastores jovens que não valorizavam o ascetismo e que viveram a adolescência em plena revolução cultural. Para constituírem um marco teórico institucional que fosse minimamente consistente era preciso rever as tradicionais concepções teológicas, que colocavam o cristão como alguém desinteressado de coisas e valores terrenos.

O escopo doutrinário da nova visão do cristão foi dado pela Teologia da Prosperidade, doutrina que reinterpretou os ensinamentos e mandamentos dos evangelhos encaixando-se como uma luva no esforço para atender a demanda imediatista de resolução ritual de problemas financeiros e satisfação de desejos de consumo dos fiéis pobres, e a demanda da minoria mais abastada financeiramente, que buscava legitimar seu modo de vida.

A Teologia da Prosperidade surgiu nos Estados Unidos na década de 1940, mas só se constituiu como movimento doutrinário 30 anos depois abrigada nos grupos evangélicos carismáticos americanos. A pregação da doutrina da prosperidade começa com o televangelista Oral Roberts, que criou a noção de Vida Abundante, prometendo retorno financeiro sete vezes maior que o valor ofertado pelo fiel. Nos anos 1970 a doutrina ganhou maior projeção por meio do ministério de Kenneth e Gloria Copeland.

O crescimento da Teologia da Prosperidade manteve íntima conexão com a expansão do televangelismo nos Estados Unidos. A demanda provocada pelos pastores encareceu o horário dos programas de televisão, e pressionados pelas despesas crescentes refinaram as formas de levantar fundos, integrando os apelos financeiros à teologia. Não por acaso a Teologia da Prosperidade

²⁵MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

entrou no Brasil por obra dos pastores neopentecostais, que são os mais ativos difusores do televangelismo aqui.

A Teologia da Prosperidade chegou ao Brasil na década de 1970, e para Ricardo Mariano o pioneiro no trato da questão da prosperidade financeira nos meios pentecostais – mas não da Teologia da Prosperidade propriamente dita – foi Robert McAlister, fundador da Igreja Nova Vida. Em seu livro *Como prosperar* ele orienta os membros a serem fieis no pagamento do dízimo para terem as finanças abençoadas. Em 1981 publicou *Dinheiro: um assunto altamente espiritual*, onde criticava os pastores que viam o dinheiro como a raiz de todos os males ao mesmo tempo em que detratava os pregadores da Teologia da Prosperidade, que viam a riqueza financeira como prova de espiritualidade e bênçãos divinas.

A semente da nova concepção teológica encontrou terreno fértil nas igrejas que surgiam na ocasião e que viriam a compor o que se chamou mais tarde de movimento neopentecostal: Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra, Nova Vida, Bíblia da Paz, Cristo Salva, Cristo Vive, Nacional do Senhor Jesus Cristo, e com destaque para as duas mais representativas igrejas – Internacional da Graça de Deus e Universal do Reino de Deus.

A Teologia da Prosperidade valoriza a fé em Deus como meio de obter riqueza, felicidade, saúde e poder. Em vez de pregar o sofrimento carnal, tema sempre caro ao cristianismo, enaltece o bem estar do cristão neste mundo. Defende a crença de que o cristão, liberto do pecado original, adquiriu o direito à saúde física, prosperidade material e vida abundante. Se não possui esses benefícios está sendo prejudicado por uma ação diabólica, pois tudo o que contraria a materialização de uma vida abençoada seria resultado do trabalho do “inimigo”.

Para tomar posse das bênçãos a que tem direito o fiel deve por em prática a fé sobrenatural, concedida aos que nasceram da água e do Espírito Santo²⁶. Mariano dissecou a forma como a fé é manifestada na IURD:

No discurso da Universal há duas formas interligadas de exprimir tal fé: 1) confessar ou determinar a posse das bênçãos prometidas por Deus a seus leais servos e 2) obedecer as exigências bíblicas referentes à manutenção financeira da casa e da obra do Senhor, o que, nas palavras do bispo Edir Macedo, consiste em estar disposto a aceitar a

²⁶MACEDO, Edir. *Os mistérios da fé*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1999. p. 23.

responsabilidade de ser um dos sócios e administradores da obra de Deus²⁷.

Convém ressaltar que Weber (1991) já havia identificado que no espírito do protestantismo a riqueza, quando adquirida no trabalho cotidiano, constituía um dos sintomas do estado de graça do fiel. A acumulação primitiva do capital resultara, entre outros fatores, da ética puritana, que vedava ao fiel o consumo supérfluo²⁸.

Há de se reconhecer que a relação entre protestantismo e neopentecostalismo tem configurações distintas. O neopentecostal não procura a riqueza para comprovar o seu estado de graça; ele quer enriquecer para consumir mais.

Mariano (2014) debruça-se sobre o tema para ressaltar que a afinidade do neopentecostalismo com o capitalismo baseia-se na defesa da prosperidade como algo legítimo e desejável, no estímulo ao progresso individual e ao ímpeto consumista. Ao estabelecer distinções entre o pentecostalismo e o neopentecostalismo, Mariano (2014) torna mais evidente a ênfase que o segundo grupo coloca nas questões materiais:

A promessa de salvação paradisíaca no pentecostalismo sempre foi acompanhada de forte rejeição e desvalorização do mundo. O neopentecostalismo transformou as tradicionais concepções pentecostais acerca da conduta e do modo de ser do cristão no mundo. Ser cristão tornou-se o meio primordial para permanecer liberto do Diabo e obter prosperidade financeira, saúde e triunfo nos empreendimentos terrenos. Manter uma boa relação com Deus passou a significar se dar bem nesta vida. “Ter um encontro com Cristo”, portanto, corresponde, na visão dos líderes neopentecostais, a gozar uma vida próspera e feliz, ou à certeza de poder contar com a efetiva intervenção divina em toda e qualquer

²⁷MARIANO, Ricardo. *O reino de prosperidade da Igreja Universal*. In: *Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé*. ORO Ari Pedro. CORTEN, André e DOZON, Jean-Pierre (orgs.). São Paulo: Paulinas, 2003

²⁸ O trabalho mais importante de Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, aborda a importância da Reforma Protestante para a consolidação de práticas individuais que motivaram a acumulação monetária e criaram as bases necessárias para o desenvolvimento do capitalismo.

circunstância, mesmo que seja para satisfazer interesses e ambições materiais²⁹.

Conclusão

Os principais pesquisadores que estudaram o extraordinário crescimento das igrejas neopentecostais ocorrido na segunda metade do Século XX no Brasil enfatizam três elementos que justificariam o fenômeno: lideranças carismáticas, recurso financeiro abundante e boa utilização dos meios de comunicação, com destaque para o rádio e a televisão. Não há dúvidas sobre isso, mas não se pode também deixar de considerar o ambiente de profunda crise econômica, principalmente na década de 1980, como propiciador de um terreno fértil para o discurso neopentecostal, ancorado na Teologia da Prosperidade. Para as pessoas que conviviam com o desemprego, elevada recessão e índices de inflação nunca vistos na história brasileira, os pastores e obreiros acenavam com a promessa de solução imediata para os dramas da carne. Se o protestantismo histórico e o catolicismo prometiam o paraíso para o espírito, o neopentecostalismo seduzia multidões prometendo sanar os males do corpo.

Referências

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: uma análise da organização, rituais, marketing e eficácia comunicativa de um empreendimento neopentecostal- Igreja Universal do Reino de Deus*. Tese de Doutorado, São Bernardo do Campo, Imes, 1996.

_____. IURD: teatro, templo e mercado. *Revista IHU Online*. São Leopoldo (RS), 17 de maio de 2010. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=329>

FONSECA, Alexandre Brasil. *Evangélicos e mídia no brasil*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Sociologia, IFES-UFRJ, 1997.

²⁹ MARIANO (1999).

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. Campinas, Tese de Doutorado de sociologia, IFHC- Unicamp, 1993.

LEITÃO, Miriam. *Saga Brasileira: a longa luta de um povo por sua moeda*. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 16.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. *Revista de Estudos Avançados*. n. 18 (2004)p. 121-137.

_____. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religioso sobre as igrejas pentecostais. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*. Porto Alegre. n. 1. Jun. 2003. p. 111-124.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Sindicato de mágicos: pentecostalismo e cura divina (desafio histórico para as igrejas)*. *Revista Estudo de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 8, out. 1992.p. 49-59.

MONTEIRO, Yara Nogueira. *Pentecostalismo no Brasil: os desafios da pesquisa*. *Revista de cultura teológica*, São Paulo: Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, v.13, out-dez. 1995, p.7-20

ORO Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORO Ari Pedro; CORTEN, André e DOZON, Jean-Pierre (orgs.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.

ORO Ari Pedro. *“Podem passar a sacolinha”*: um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro. *Cadernos de antropologia*, v. 9, 1992. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS.

PRANDI, Reginaldo. *Cidade em transe: religiões populares no Brasil no fim do século da razão*. *Revista USP*, v. 11, 1991, p. 65-70

_____. Religião paga, conversão e serviço. In: PIERUCCI, Antônio Flavio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996.

ROSTOLDO, Jadir Peçanha. *Brasil, 1979-1989: Uma década perdida?* São Paulo: Paco Editorial. 2014.

WEBER, Max. Sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas). *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília UNB, 1991.